

Seis alpinistas ficaram presos no alto de uma montanha perigosa. Seria preciso uma missão inédita de helicóptero para alcançá-los.

RESGATE NO TETO

Pelos padrões de Richard Lehner e do comandante Daniel Aufdenblatten, a viagem a Kathmandu, no Nepal, em abril do ano passado, não foi nada dramática. Os dois, que trabalhavam para a Air Zermatt, empresa suíça de resgate aéreo, tinham passado alguns dias ensinando ao grupo local de resgate Fishtail Air o método de “long-line”, técnica pioneira da Zermatt para socorrer alpinistas em encostas rochosas a elevada altitude, usando um pequeno helicóptero com um homem pendurado. O treinamento de dois meses planejado pelo piloto e pelo especialista em resgates seria arriscado; o método exige que os pilotos controlem a aeronave em ar turbulento e tênue demais para sustentar os grandes helicópteros com guincho no estilo da Real Força Aérea britânica. Mas era bom sair um pouco da rotina de resgatar alpinistas feridos nos Alpes.

Então, no fim da manhã de 28 de abril, quando voltavam com o comandante da Fishtail, Sabin Basnyat, de uma viagem ao acampamento base do Monte Everest, o pessoal de terra veio correndo receber o helicóptero. Sabin traduziu a mensagem urgente:

– Recebemos um pedido de socorro de uma expedição espanhola no Annapurna. Estão presos a mais de 6.400 metros de altitude, e um deles sumiu.

POR ELLIE ROSE
FOTOGRAFADO POR MENNO BOERMANS

A photograph of a helicopter in flight against a clear blue sky, hoisting a person by a rope. The person is suspended in the air, positioned below the text. In the background, a rugged mountain range with snow-capped peaks is visible. A small, faint circular object is visible in the sky to the left of the person. The overall scene suggests a high-altitude rescue or transport operation.

DO MUNDO

A equipe de seis homens chegara ao cume da montanha de 8.090 metros por volta das 16 horas da véspera, mas durante a descida foram atingidos por neve e ventos fortes. O único alpinista amador do grupo, Tolo Calafat, de 39 anos e pai de dois filhos, ficara para trás, e Sonam, o xerpa que a princípio o acompanhava, teve de abandoná-lo a 7.470 metros, quando Calafat ficou exausto demais para continuar.

Os outros – os alpinistas de classe mundial Carlos Pauner e Juanito Oiarzabal, o romeno Horia Colibasanu e o xerpa Dawa – lutaram para chegar ao acampamento a 6.950 metros com a luz do dia já no fim, desesperados para passar a noite o mais baixo possível na montanha, a fim de evitar a fatal doença da altitude.

Mas, pela manhã, os pés de Juanito estavam parcialmente congelados, as mãos de Carlos tinham ulcerações causadas pelo frio, eles não conseguiam contato com Calafat pelo rádio e o grupo inteiro estava exausto e cego pela neve – os europeus mostrando os primeiros sintomas da doença da altitude. Pior ainda: havia notícias de avalanches mais abaixo na montanha.

Estamos encrencados, pensou Juanito, de 54 anos.

Lá embaixo, os detalhes da situação eram escassos, mas Daniel, de 35 anos, percebeu que devia ser terrível. *Eles sabem que nunca se fez um resgate de*



Desaparecido: o alpinista espanhol Tolo Calafat.

helicóptero a essa altitude, pensou. Mesmo assim nos chamaram.

Além do ar rarefeito e da resultante perda de potência àquela altitude, as correntes de ar imprevisíveis podem jogar o helicóptero na encosta rochosa – sem contar o perigo de os pilotos subirem tão alto sem aclimação. Nem o helicóptero Ecureuil AS 350 B3 da Fishtail, para uso em altitudes elevadas, tinha licença para voar acima de 7 mil metros.

– Vai ser muito difícil – disse Richard, de 38 anos. – Mas estamos aqui e, em tese, temos conhecimentos para conseguir. Vamos ver...

O tempo era essencial: a qualquer momento os alpinistas poderiam ser vitimados por edema cerebral ou pulmonar (o estágio final e fatal da doença da altitude). Mas, quando Richard e Daniel chegaram ao acampamento, por volta das 15 horas, havia uma neblina espessa. Nessa época do ano, a neblina costuma surgir no fim da manhã e se mantém pelo resto do dia. Agora era impossível voar alto próximo à montanha. A equipe espanhola teria de passar outra noite insone em temperaturas inferiores a -10°C.

De manhã cedinho, com o céu azul, a equipe de apoio da expedição espanhola transmitiu as notícias aos socorristas. Dawa passara a noite procurando Calafat, mas voltara com



Richard (à esquerda) e Daniel sabiam que nenhum helicóptero de resgate voara tão alto.

A FERA DO ORIENTE

Na verdade, Annapurna é o nome dado a uma série de picos do **Himalaia** que formam um maciço cujo ponto culminante é o Annapurna I (que a equipe espanhola escalou), com 8.090 metros: a décima montanha mais alta da Terra.

Os primeiros a chegar ao cume foram Louis Lachenal e Maurice Herzog, em **junho de 1950**. Mas, embora tenha sido a primeira das 14 montanhas do mundo com mais de 7.900 metros a ser vencida, ainda é a menos escalada. As avalanches frequentes e as quedas de gelo a tornam perigosíssima, e cerca de quatro de cada dez alpinistas que tentam alcançar o cume perdem a vida.



lágrimas nos olhos para junto dos companheiros. O espanhol não estava em lugar nenhum, talvez já estivesse morto, soterrado pela neve.

- Mesmo assim, vamos subir e ver se conseguimos localizá-lo - disse Daniel.

Às 7 da manhã, com um período de três horas estimado para o resgate antes que a neblina caísse, Richard e Daniel embarcaram no Ecureuil.

Quando Daniel subiu mais com o helicóptero, começou a apreciar a beleza apavorante do Annapurna. *É espantoso, pensou. Tão íngreme. Se eu me afastar apenas 50 metros da encosta, são 3 mil metros de abismo até o chão!*

Depois de 20 minutos no ar, não havia sinal de Calafat. Mas a distância eles avistaram o acampamento dos alpinistas.

- É numa encosta íngreme - disse Richard. - Não há como pousar.

Ventos fortes tinham começado a golpear o helicóptero violentamente.

– Aqui parecemos um saco de pancadas – disse Daniel.

Tiveram de voltar. No acampamento base, xerpas levaram chá aos dois homens, que discutiam as opções. Talvez pudessem lançar oxigênio e remédios para ajudar os alpinistas a superar a doença da altitude. Talvez alguns xerpas conseguissem subir e ajudá-los a descer. Mas ambas as opções exigiam um tempo que os alpinistas provavelmente não tinham.

Daniel fez uma pausa.

– Acho que o vento parou – disse.

Então percebeu: se tirassem tudo do helicóptero para que ele ficasse bem leve, talvez pudessem tentar o resgate em cabo longo – a técnica que haviam ido ensinar ali.

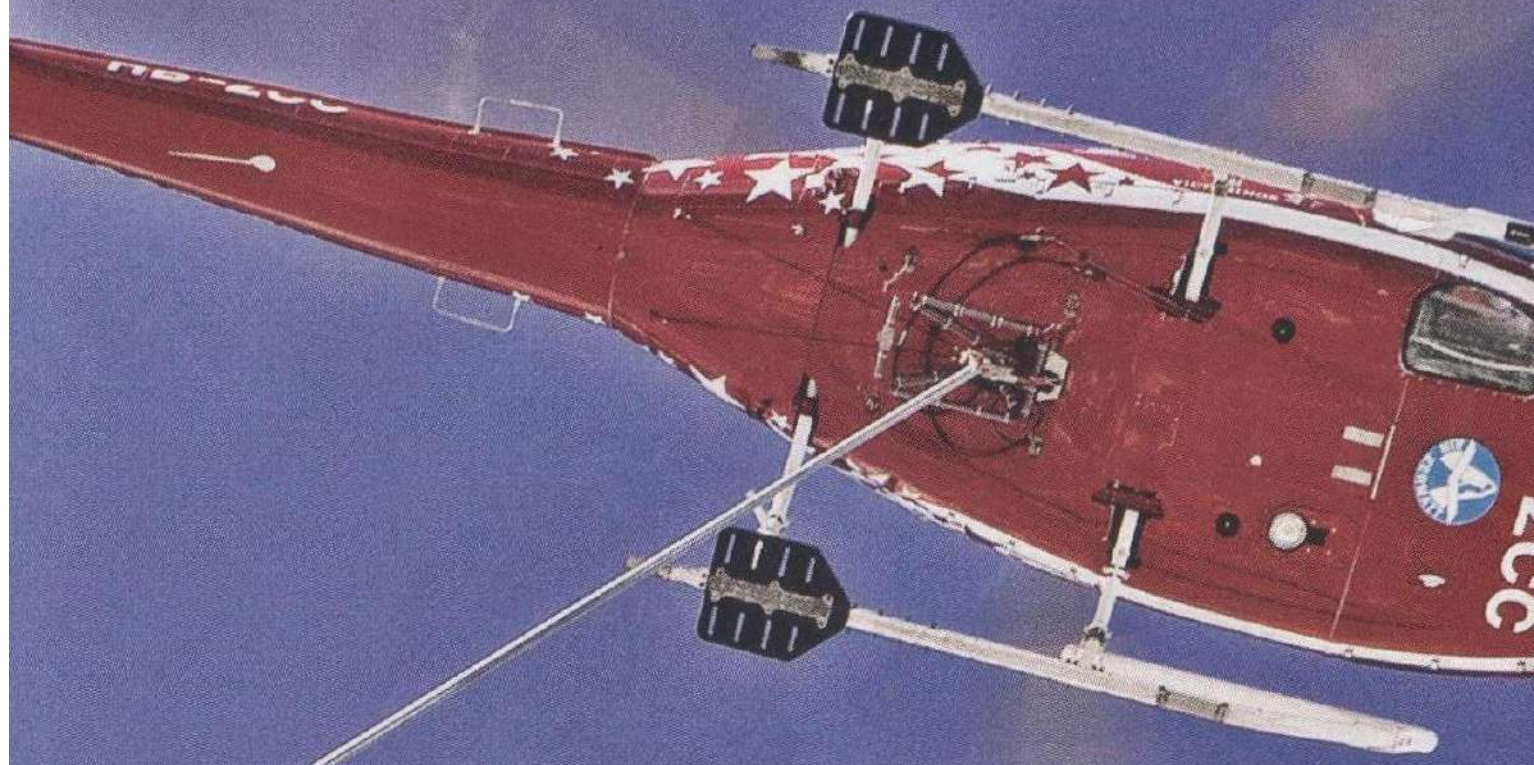
Seria arriscadíssimo; ninguém jamais tentara algo parecido naquela altitude. *Mas a gente precisa tentar,* pensou Daniel.

Richard, que ficaria pendurado no helicóptero por uma corda de 30 metros, concordou.

Agora eram 8 horas e restavam mais duas antes da neblina. Richard e Daniel tiraram os mapas, óleo sobressalente, capacetes e até chaves de fenda do helicóptero e decolaram. Os dois concordaram em manter contato constante pelo rádio a fim de conferir a segurança um do outro, mas não havia garantias. *Ainda assim,* pensou Daniel, *se eu ficar preocupado ou inseguro, é porque estou no emprego errado.*

Girando lentamente nas correias, muito abaixo do helicóptero, Richard tinha uma vista fabulosa de 360° – e da queda cada vez maior. Respirando oxigênio para evitar o enjoo da altitude, ele sentia o vento forte abaixo de zero penetrando pelas roupas. Depois de apenas dez minutos no ar, as correias apertadas





começaram a impedir a circulação do sangue na parte inferior do corpo, e ele teve de balançar as pernas para manter o sangue fluindo. Tentou ficar atento para reencontrar o acampamento.

De repente, o aglomerado de barracas apareceu no seu campo de visão. À esquerda, era emoldurado pela encosta íngreme de pedra e à direita, por um abismo vertiginoso. Havia pouca margem de erro para Daniel levar Richard com segurança até lá.

Um dos alpinistas estava em pé fora da barraca, fitando o helicóptero, mas os outros homens ficaram do lado de dentro para se proteger um pouco do frio. A equipe de apoio lhes dissera que os suíços estavam na área, mas os alpinistas não tinham certeza de que o resgate poderia ser feito. Independente disso, a provável perda do amigo impediria comemorações.

Richard começou a direcionar Daniel rumo à encosta. Balançando a 30

CORRENTES DE AR IMPREVISÍVEIS PODERIAM JOGAR O HELICÓPTERO NA MONTANHA.

metros da parede da montanha, ele tinha de confiar na habilidade do piloto para impedir que o vento o fizesse se chocar contra a rocha. Seria difícil corrigir qualquer erro de cálculo.

- Qual a altura? - perguntou Daniel.

- Quarenta e cinco metros - respondeu Richard.

- E agora, Richi?

De repente, o helicóptero deu um solavanco e Richard foi sacudido de um lado para outro, na direção da parede de pedra.

Concentre-se!, ordenou Daniel a si mesmo, e se afastou da montanha.

A Air Zermatt faz 1.500 resgates por ano, dos quais 1.400 são bem-sucedidos.



A ALTURA DO RESGATE NAS MONTANHAS

A **Air Zermatt** é conhecida como uma das maiores organizações de resgate aéreo do mundo, em boa parte graças à técnica do **cabo longo**.

A técnica foi desenvolvida na década de 1980 e usada pela Zermatt cerca de dez mil vezes. Cabos com até **200 m** salvaram várias pessoas, de encostas rochosas a acidentes com bondes.

Em março, o capitão Daniel Aufdenblatten e Richard Lehner receberam o **Prêmio de Heroísmo** da revista *Aviation Week* pelo resgate. O ganhador do ano anterior foi o comandante Chesley Sullenberger, famoso por conseguir pousar ileso no Rio Hudson, em Nova York, um Airbus A320 com defeito que levava 150 passageiros.

Depois, aproximou-se de novo. O vento diminuiu e Richard contou:

– Um metro e meio, um metro e vinte, um metro, meio metro... tocando!

Mas, quando Richard começou a examinar os arredores, Daniel de repente se sentiu inquieto.



– Não estou gostando – disse. – Vou puxá-lo de volta.

Daniel sempre achou que tinha de confiar no seu instinto ao voar e, segundos depois, viu que tinha razão.

– Só tenho mais dez minutos de oxigênio – disse Richard.

Não havia jeito de ficar na montanha; logo ele estaria totalmente desorientado.

Voltaram ao acampamento base e trocaram o cilindro de oxigênio. Agora havia menos de uma hora e meia para a neblina cair, e eles retornaram imediatamente ao Annapurna. Mas o vento soprava com tanta força contra o rosto de Richard que o ar escapava do tubo de respiração mais depressa do que ele conseguia inalar.

– Não estou me sentindo bem – disse com dificuldade.

– Isso não vai dar certo – respondeu Daniel, levando o helicóptero outra vez para o acampamento base.

Richard e Daniel perceberam que estavam perdendo tempo demais com tentativas inúteis. Se a neblina surgisse, os alpinistas provavelmente teriam de passar uma terceira noite na montanha, e que probabilidade teriam de sobreviver?

Daniel teve outra ideia. E se subisse sozinho e os alpinistas se prendessem ao cabo? Ele nunca fizera um resgate assim, muito menos àquela altitude, e os alpinistas estavam doentes, exaustos e com os dedos ulcerados pelo frio.

– Mas são alpinistas experientes, e não turistas passeando pela montanha – ponderou Daniel. E, de qualquer forma, havia pouca opção. Assim, a equipe de apoio deu instruções aos alpinistas, e Daniel decolou.

Dez minutos depois, ele sobrevoava novamente o acampamento. Lentamente, mirou o mosquetão na ponta do cabo em direção à mão estendida de Juanito Oiarzabal, conferindo constantemente as leituras de potência e lutando contra o vento. A pressão era intensa. Sem Richard para guiá-lo embaixo da aeronave, o pesado mosquetão balançava de um lado para outro; um movimento errado e Juanito seria atingido.

Mas Daniel manteve a concentração e alguns segundos depois o alpinista se prendeu. Juanito escalara as 14 montanhas mais altas do mundo, com um recorde mundial de 26 vezes no total, mas nunca pensara que teria de descer de uma delas pendurado no ar daquele jeito. Ainda assim, exausto e congelado, entregou-se à habilidade de Daniel e, dez minutos depois, es-

tava de volta ao acampamento base, onde foi recebido pelos médicos.

Daniel decolou de novo, faltando praticamente meia hora para a neblina aparecer; cada resgate durava uns vinte minutos.

Os dois xerpas se recusaram a partir sem o equipamento e estavam assustados demais para se pendurar no cabo, mas Daniel não tinha tempo de discutir. Recolheu Horia e Carlos e os levou para o acampamento base – e viu as nuvens envolverem o Annapurna. Os dois xerpas teriam de descer a pé no dia seguinte. Mas, pensou, eles tinham muito menos tendência à doença da altitude; provavelmente ficariam bem.

Os alpinistas cumprimentaram Richard quando chegaram, mas ninguém se aproximou de Daniel quando ele saiu do helicóptero. *Talvez não se sintam bem*, pensou, dando de ombros. Era raro os resgatados lhe agradecerem depois – e tinham acabado de perder um amigo.

Daniel então sentou-se para tomar chá, feliz e aliviado. Acabara de fazer algo extraordinário: o resgate com helicóptero na maior altitude registrada, 6.950 metros. *Mas não entenda mal*, reflete ele, com modéstia. *Basicamente só fizemos nosso trabalho.*

» Os xerpas Sonam e Dawa voltaram **sãos e salvos no dia seguinte, e os três** **alpinistas europeus conseguiram se** **recuperar dos efeitos da doença da** **altitude e das ulcerações causadas pelo** **frio. Tolo Calafat foi oficialmente** **declarado morto em 29 de abril de 2011. ■**